



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

## DIABRURAS...

Por MARIA BRANCO  
Desenho de CASTANÉ



o jardimzinho de empedrados alegrêtes com malvas, cravinas e brincos-de-princesas, os dois primos conversavam animadamente.

Manecas, chegado da aldeia, contava a Tonecas as últimas travessuras.

Tresmalhara certo rebanho de cabras, endoindo o pobre pastor.

Soltara o bando das galinhas dos vizinhos, fazendo, com elas, uma simulada entrada de gado-bravo.

Com o bico duma cana, espetara a pálpeba da irmanzinha mais nova.

Arreliara os Pais, enfurecera os criados, que sei eu?! Mas brincara, brincara muito.



Tonecas, papa-açorda, de boa índole, remexeu nas algibeiras da blusa, extraindo dali qualquer coisa pequenina:

— «Abre a bôca e fecha os olhos».

Imediatamente, Manecas, saboreia, deliciado, um apetitoso torrãozinho de assucar, branco e cristalino como a neve.

Manecas quiere pagar a amabilidade...

Corre a casa, donde vem com as mãos... idas.



Acerca-se de Tonecas, sorridente, a malícia a chispar-lhe dos olhos escuros.

— «Abre a bôca e fecha os olhos».

Acalentando a idéa de bela guloseima, bonbon de chocolate, rebuçado de fruta, pastilha perfumada, Tonecas escancara a boquilha gorducha.

Mas logo desata em berreiro infernal.

O ingrato Manecas, endiabrado dos pés à cabeça, atafulhara-lhe a bôca com pimenta.

Aos gritos do irmão, acode Mario Eugénio, quatro anos a mais — (grande valôr-real entre a petizada) que, agarrando nas orelhas de Manecas, as puxa e as repuxa, gritando alarmado:

— «Ai tu mataste o mano, ai tu mataste o mano!»

(Textual).

F I M



# O MENINO PERDIDO

Novela infantil por  
Augusto de Santa Rita

Desenhos de Castañé  
(Continuado do numero anterior)

**E** teve, então, começo o seguinte diálogo:  
— «Rosa... (deixe-me tratá-la assim, em virtude da muita simpatia que me inspira e que suponho inspirar-lhe).

— «Sim, António, ainda bem que me propõe tão afectuoso tratamento. Se soubesse o prazer extraordinário que sinto tratando-o, também, assim, pelo seu nome próprio.

— «Julgo adivinhar um drama na sua vida, mas oxalá que me engane! Porque raramente sorri?! Que íntimo desgosto a afflige?! Abra-me o seu coração na certeza de que o coração que a vai escutar, habituado a sofrer também, saberá compreender a sua dor, o seu mal!

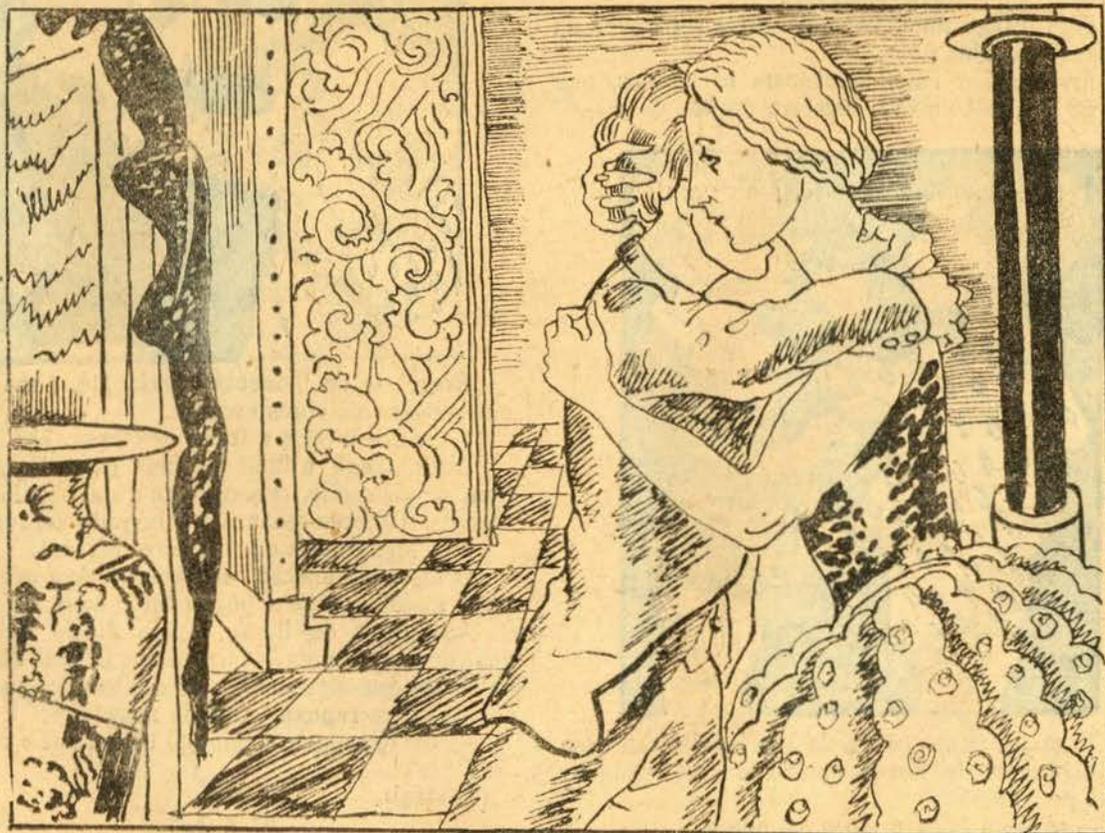
— «Pois também sofre António?! Tão novo ainda e já a lastimar-se. Abra-me primeiro o seu coração e abrir-lhe-hei, depois, confiadamente, o meu! Conte-me as suas mágoas... desabafe comigo, fale, fale como se falasse a sua irmã, a sua mãe...

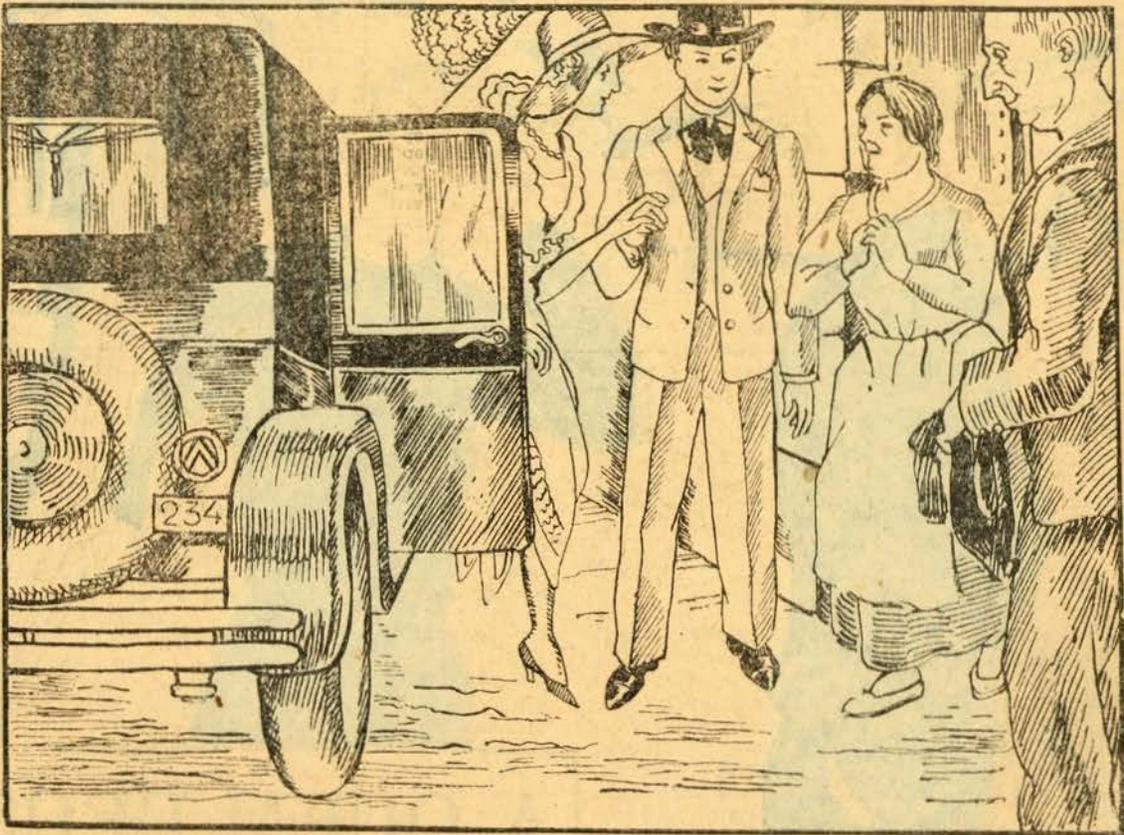
— «Mãe! — (volveu, então, António, perturbadissimo) Mãe?! Não tenho mãe nem irmãs. E se soubesse o desgosto profundo de nunca haver tido quem, com direito, pudesse exclamar-me: — filho!

— «Filho! que palavra tão linda!»

— «Lágrimas em seus olhos?!... Comove-a a minha dor?! Mal sabe o bem que me faz!»

— «E' que eu também tive um filho, António!





«E um filho que tinha o mesmo nome: — Toninho. Que idade tinha, Toninho... — (deixe-me tratá-lo assim, assim como eu tratava o meu filho) — quando perdeu sua mãe?»  
 — «Sei lá, sei lá! Se nunca a conheci! Eu sou um engeitado, um exposto!...»

Súbitamente, Rosa empalideceu. Esgazeando os olhos e de expressão transtornada, agarrou, freneticamente, nas mãos de António e interrogou ansiosa:

— «Dar-se-ia o caso?! Filho, que idade tens?!»

António estremeceu e empalideceu também.

— «Porque, assim, mo pergunta?! Devo ter 20 anos». Respondeu trémulamente António, fitando-a demoradamente e quasi presentindo a estranha revelação.

— «E sabes, sabes onde foste encontrado? Acaso te disseram onde foste encontrado?! Vê se te lembras, dize...! Dar-se-ia o caso?!...»

— «A' beira dum riacho...» voltou, como um autómato, António, impressionadíssimo pela alvorçada interrogação e tatitude de Rosa que prosseguiu:

— «Na Várzea, no riacho da Várzea?!»

— «Sim, Sim!... Mas como o sabe...?»

Um grito, uma estridente exclamação, dos lábios de Rosa, agora lívidos, se soltou bruscamente:

— «Filho, filho, meu filho, finalmente!» E catadupas de beijos, abraçando-o, estreitando-o contra o peito, o cobriram, ao mesmo tempo que uma chuva de pranto, lágrimas em fio, lhe banhava o rosto.

Sem mais explicações, António, de chofre, compreendeu e, por sua vez, sufocando um grito, apenas balbuciou:

— «Minha Mãe, minha Mãe!»

E Rosa Gião, numa louca alegria, revelou, então, a Toninho todo o seu passado: — quem fora seu pai, como morrera na guerra, todas as suas desgraças, relatadas agora, ao encontrar Toninho, com prazer voluptuoso, a morte do pai moleiro, como o deixara à beira do riacho, ao fugir-lhe a cabrinha, como a corrente a arrastara, como a salvara o «Trinca-Pau», como com ele voltára, inutilmente, em sua busca, como vivera em companhia dos saltimbancos, a proposta de D. Pedro Moyano, as suas pesquisas para a descoberta do seu menino, os grandes triunfos em Madrid e o seu constante desgosto.

Toninho ouvia-a, elevado. Por fim dispôs-se a contar também o seu passado. Como havia sido criado por Bernarda, que sempre o estimara; quem eram o feitor Miguel e a Condessa de Olivete, seus netos Jorge e Josefina; como esta lhe inspirara um grande amor que era correspondido mas contrariado; como se revelara a sua vocação para as Belas-Artes, todos os seus anseios e aspirações.

Rosa escutava-o, embevecida. Fora, através dos amplos cortinados, ia tombando a noite. Uma doce penumbra amaciava as arestas do mobiliário austero, envolvendo o ambiente e impregnando-o duma vaga de sonho. Tinham voado as horas. Dir-se-ia estarem conversando há cinco minutos quando, afinal, em realidade, cinco horas haviam decorrido.

Rosa lembrou-se, então, dos seus compromissos. Que tinha de estar no teatro às oito horas em ponto; que tinha, portanto, apenas uma hora. E, pedindo a Toninho que fôsse jantar com ela ao hotel, onde estava hospedada, imediatamente ambos entraram para o automóvel que em cinco minutos fez o trajecto.

E mais cinco minutos decorridos, a grande cantora e o jovem pintor, atraindo a atenção dos restantes hóspedes, sentavam-se a uma pequena mesa quadrada e principiavam jantando. Com uma estranha alegria a brilhar-lhes no olhar e uma ótima disposição, nunca haviam sentido um tão belo apetite. Contudo, Rosa pouco comeu, não fosse uma difícil digestão perturbar os seus recursos vocais, assim como Toninho que, devido à precipitação, não teve, sequer, tempo para repetir nenhum prato.

A's oito horas estavam no camarim, conversando com M.<sup>me</sup> e Mr. Perier, que, vinte minutos antes de principiar o espectáculo, se retiraram, a fim de Rosa se caracterizar e vestir a indumentária da peça, ao mesmo tempo que António passava para a ante-câmara onde, dois minutos após, surgiu o dr. Jorge de Olivete que vinha cumprimentar a festejada cantora, sua compatriota, que já na sua vida representava um papel muito mais importante.

Mal se avistaram, um efusivo abraço estreitou os dois amigos de infância.

— «Rosa...?!» foi a primeira interrogação de Jorge.

(Continua no próximo número)



## A QUEM DEUS

# PROMETE NÃO FALTA

Por MARIA AMELIA REGO DE SALIS

Desenhos de ADOLFO CASTANÉ

A' minha muito querida madrinha Maria Casimira



O ano de 1920 habitava Mademoiselle Mélanie Vauvillier, num arrabalde de Paris, uma casinha muito modesta mas de veras interessante.

Servia-lhe de companhia uma velha criada.

Viviam sós, mas consideravam-se felicíssimas, porque amavam o isolamento.

Quem habita a aldeia tem por hábito deitar-se cedo, e elas também o tinham, mas naquela noite eram 11 horas e ainda não estavam na cama; dez minutos depois, quando se propunham deitar, bateram à porta. Mélanie ficou assustada e não foi vêr quem era, pois julgou ser o vento que, naquela terrível noite de inverno, soprava com fúria desusada. A chuva batia com tóda a força nos vidros da janela, e os relâmpagos iluminavam o espaço, como se fôsse dia.

Tornaram a bater, mas, desta vez, com mais força, e ouviu-se uma voz dizer —tenham dó da minha pobre irmanzinha. — Mélanie correu para a porta e abriu-a. Apenas divisou na escuridão dois vultos, dos quais um caiu a seus pés inanimado. Disse ao outro que entrasse e transportasse o corpo desmaiado para dentro de casa.

À luz do candieiro verificou, então, que eram um rapaz e uma rapariga não aparentando terem mais de 15 anos.

Passado algum tempo, a rapariga que estava desmaiada, recuperou os sentidos, e, ao vêr-se deitada num sofá, em-

brulhada num cobertor, perto do lume, começou a chorar. Enteneceu-a aquela espécie de bem estar, a que certamente não estava habituada. O rapaz, que depois lhe disse não ser irmão, mas sim seu companheiro e amigo, estava aflito por vêr a pobre pequena a chorar. Então Mélanie mandou dar-lhes de comer e fazer-lhes camas, onde se deitaram e adormeceram em menos de um segundo.

No dia seguinte, Mélanie pediu-lhes que lhe contassem como tinham vindo parar áquela terra, sozinhos, a que família pertenciam, etc. Eles, então, disseram-lhe que não tinham ninguém. Suas mães eram muito amigas e tinham morrido, e êles, ao acharem-se sós no mundo, resolveram procurar trabalho. Tinham vindo andando, julgando-se quasi perdidos, mas, agora, que se viam salvos, pediam que lhes ensinasse o caminho para uma terra em que vissem que poderiam ganhar a vida honradamente.

Mélanie respondeu-lhes que aguardassem a chegada de um irmão —que vivia em Paris, e que lhe tinha prometido uma visita para muito breve, — pois estava certa que êle lhes havia de dar que fazer.

Ela chamava-se Suzette e êle Sylvain.

Passaram-se alguns dias que êles acharam deliciosos, e por fim, chegou o irmão da sua bemfeitora que Suzette e Sylvain esperavam com ansiedade. Exposta a situação destas pobres crianças, êle disse à sua irmã que os mandasse chamar. Não estavam, porém, em casa. Ficou aflitíssima e

começou a chamar por eles. Minutos depois apareceram ambos com um lindo ramo de flores do campo que tinham ido apanhar para lhe oferecerem. Aceitou e agradeceu-lhas, não pelas flores, que não tinham importância alguma, mas pela lembrança que tiveram. Disseram-lhe em seguida que — o primeiro dinheiro que ganhassem seria para comprar uma coisa mais bonita para lhe oferecerem.

Então, Mélanie mandou-os à presença de Monsieur Paul Vauvillier seu irmão. Abriu a porta do quarto de Paul e introduziu ali os dois infelizes.

Paul Vauvillier tinha um estaleiro onde fabricava pequenos barcos, hiates, etc. Propôs logo a Sylvain a sua entrada como seu empregado, o que este aceitou com os olhos marejados de lágrimas, dizendo ao seu bemfeitor que não tinha palavras com que lhe pudesse patentear o seu reconhecimento, mas que talvez ainda um dia lhe pudesse ser útil, o que ele desejava ardentemente.

Os jovens retiraram-se, depois de Suzette ter juntado os seus agradecimentos aos do seu companheiro de infância, e de terem beijado a mão ao seu protector. Paul era um grande desportista e já tinha ganho o primeiro prémio de corridas de véla.

Em breve ia haver uma outra corrida de barcos a remos, mas Paul Vauvillier era fraco; não devia por isso remar, estando por tal motivo desoladíssimo. Um dia chegou ao pé da irmã e disse-lhe:

Mélanie estou disposto a ir remar. Tenho a firme certeza de que ganharei o primeiro prémio. O barco está a construir-se no meu estaleiro e com elle estão muitos outros, mas o meu, a-pesar-de ser de todos o mais simples, é o mais bonito. Os outros, com tantos ornatos, nem por isso atraem mais a atenção.

Quando estavam no fim da conversa ouviu-se uma voz dizer junto à porta da casa de jantar:—Posso entrar? Entra disse Paul. Era Sylvain que vinha para salvar a situação de Paul, oferecendo-se para remar. Ficaram radiantes pois sabiam que elle faria todos os esforços para que a

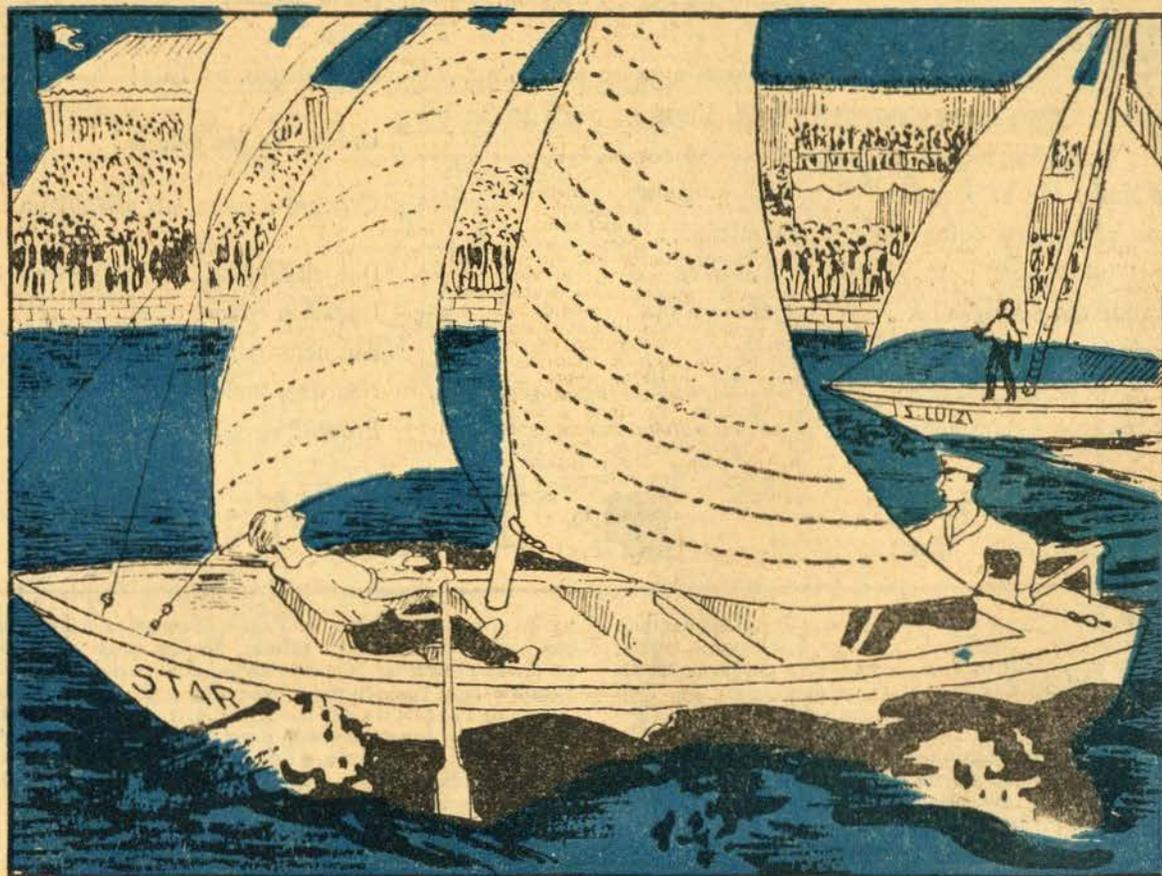
casa ganhasse o primeiro prémio. Sylvain era um bom rapaz e muito trabalhador. No fim de algum tempo era o melhor amigo de Paul, e, passados alguns anos de continuado trabalho, Paul tinha-lhe dito que quando perfizesse uma certa quantia a que faltava pouco, entraria para seu sócio, o único que Paul havia de ter.

Suzette era um bom coração de rapariga de 25 anos. Ajudava Mélanie na lida da casa e a irmã de Paul considerava Suzette como a sua melhor amiga, a sua única confidente.

Sylvain era muito económico e todo o dinheiro que ganhava entregava-o a Suzette. Era ella que lhe comprava o feto e a comida, gastando pouco consigo para que o pecúlio de Sylvain fôsse aumentando e em pouco tempo pudesse entregar a Paul o que faltava para poder entrar como seu sócio o mais rapidamente possível. Suzette foi-se afeiçoando cada vez mais a Sylvain e, em cada dia que passava, descobria nêle mais uma qualidade, o que muito contribuiu para que essa afeição se tornasse em amor. Passado pouco tempo, Suzette estava noiva de Sylvain e o casamento devia realizar-se depois da prova de remos. Os esforços do infatigavel Sylvain juntos à boa direcção de Paul Vauvillier contribuíram para que a casa se tornasse importantíssima, auferindo lucros enormes. Estavam pois todos ricos e contavam ir viver para Paris numa sumptuosa casa que se estava a edificar junto ao estaleiro de Paul & Sylvain.

\* \* \*

O dia 28 de Julho — esperado com impaciência, tanto pelos concorrentes da grande corrida a remos no Loire, como pelos que iam assistir — amanheceu puro e sereno. O rio estava calmo. Os barcos em exposição. A corrida tinha início ás três horas, mas ainda era só meio-dia! A-pesar-de faltarem ainda três horas, a muralha está cheia de espectadores. Os barcos e vapores estavam todos repletos de gente. As 14 horas e 30 minutos chegam os concorrentes e começam a preparar-se. São as 3 horas. O júri dá o sinal da partida e, passados alguns momentos, vê-se o Star—que foi o barco construido na casa de Paul e que era tripulado





## ERA UMA VEZ...

Por **CARFLOFER**

Desenho de **Castañé**

alto e magro, baixo e gordo,  
lembram Pat e Patachon.

Atenção, que eu principio...

Quietinhos!

*Era uma vez...*

Olá, Carlinhos,  
nem pio!

Já me fez  
perder o fio...

*...lá muito longe, na China,  
uma velha rica e má.*

Temos!... Começa a traquina  
dessa menina

Fifina

aos beliscos ao Tátá!

Ordem, ou me calo já!

*Gigante e anão mil projectos ..*

Que chalreada!

Ouçam o conto!

Ah! nem calados, nem quiéto?!...

Não digo mais nada!

Pronto!

**M**eus meninos, uma história!  
Cheguem-se cá para mim..

Tão linda, não há memória  
de alguém contar outra assim.

A bandeiras despregadas  
hão de rir, até mais não,  
das partidas, endiabradas,  
dum gigante e dum anão.

Sempre juntos, em acôrdo,  
bafeja-os da graça o dom;

# F I M

pelo intrépido Sylvain — ir a par com o S. Luís. Grande agitação entre o povo; o S. Luís, porém, passa à frente; falta-lhe apenas uns 100 metros para chegar ao terminus da corrida. Então o Star como impellido por mão oculta, alcança o S. Luís, e com mais um esforço dos vigorosos pulsos de Sylvain conseguiu alcançar a Méta ficando vencedor. O primeiro prémio foi concedido ao Star e o segundo ao S. Luís, tendo desistido os restantes.

nia só assistiu a familia de Paul que constava apenas da sua irmã, uma tia e dois primos, um dos quais é o noivo de Mélanie. Paul também está noivo duma parisiense muito bonita e rica, pois seu pai é banqueiro e ela é filha única. A casa de Paul é uma das maiores e mais acreditadas casas da França no seu género. São passados 2 anos; Suzette tem uma filhinha linda como o Sol que é o encanto de todos. Já estão todos casados e não é possível darem-se melhor por isso dizem muitas vezes:

A quem Deus promete não falta,

Passados oito dias realizava-se o casamento de Sylvain com Suzette, numa das maiores igrejas de Paris. A cerimô-

# F I M

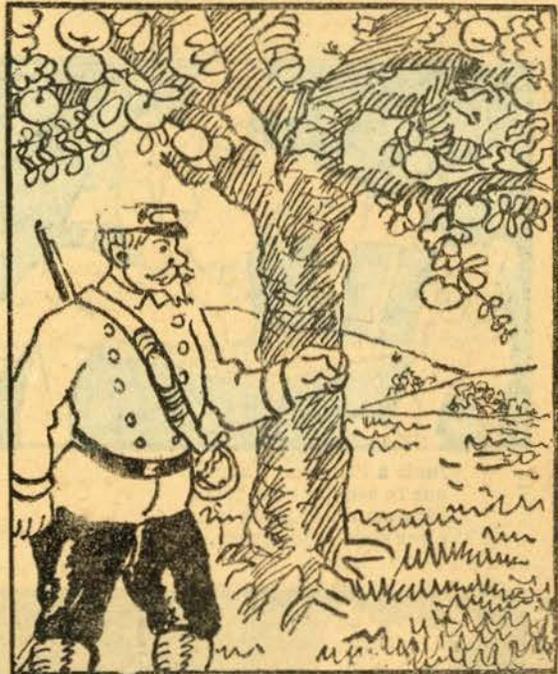
# HORA DE RECREIO

## PROBLEMA

Arranjar 7 nomes de homem, de fôrma que as primeiras letras dos mesmos nomes, deem um nome de homem:

- 1 nome de homem
- 2 nome de homem
- 3 nome de homem
- 4 nome de homem
- 5 nome de homem
- 6 nome de homem
- 7 nome de homem

## ADIVINHA



## SOLUÇÃO da ADIVINHA ANTERIOR

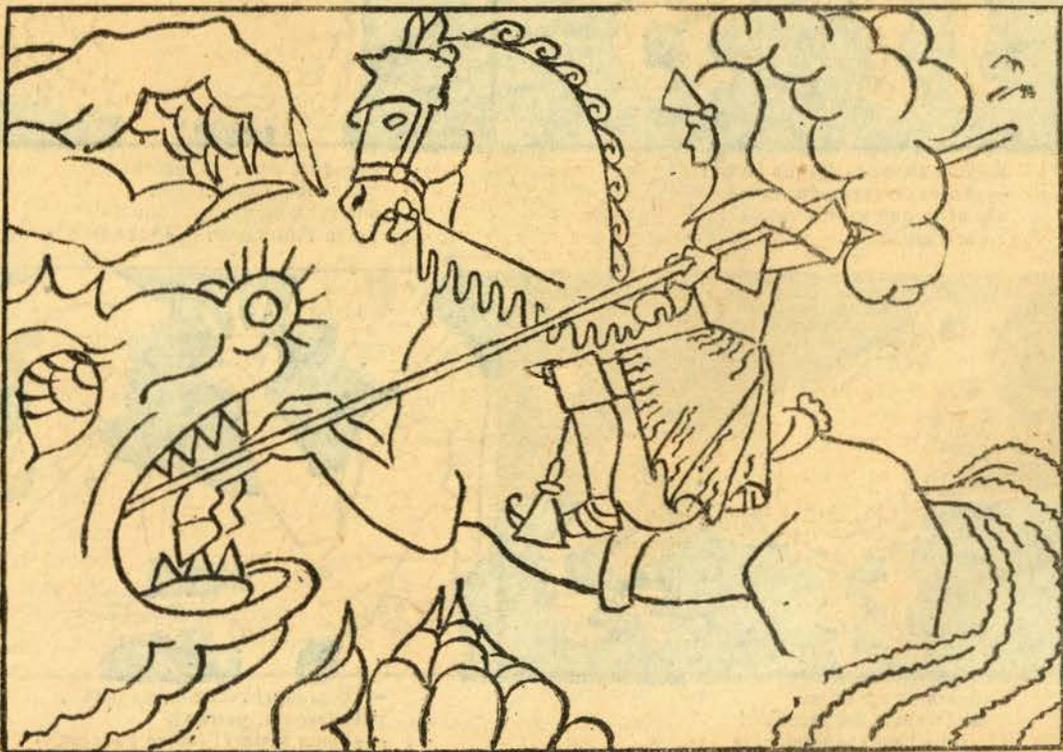


- 1 — Mar — 2 — Mate — 3 — Maca — 4 —
- Maio — Mais — 6 — Mala — 7 — Mamã — 8
- Maçã — 9 — Maré — 10 — Mau.

Meus meninos

O guarda desta propriedade, anda em procura duma menina que elle viu a roubar laranjas. Vejam se a descobrem.

## Para os meninos colorirem

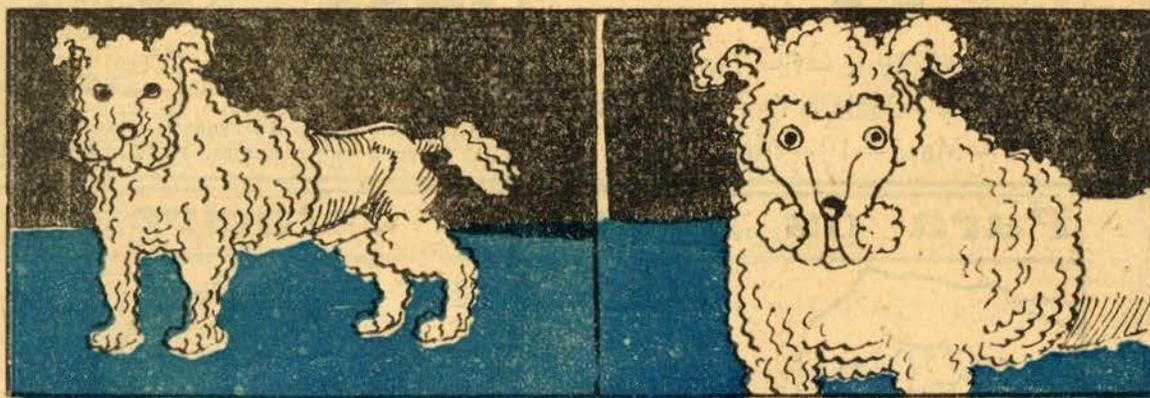


# Tosquia inoportuna



Junto a Pancrácio Capucho que se sentara num banco, para um cãozinho de luxo e por sinal todo branco.

Nisto um homem surge e diz:  
—«E se eu tosquiasse o cão?!  
Dá licença, ó cavalheiro?!»  
Volve Pancrácio: — «Pois não!»



E exclama, após grande lauda:  
—«Antes de rapar por baixo  
não acha que rape a cauda?!»  
Volve Pancrácio: — «Pois acho!»

—«Agora aqui, no focinho,  
que muito pelinho tem,  
não acha bom servicinho?!»  
Volve Pancrácio: — «Acho bem!»



—«Agora as patas; até  
já faz lembrar um carneiro!  
Não acha bem cavalheiro?!»  
Volve Pancrácio: — «Olaré!...»

—«E pronto! São três escudos  
pela tosquia, patrão!»  
—«Como assim?! (volve Pancrácio)  
Se não me pertence o cão?!»